

ADESÃO A VALORES MORAIS EM ADOLESCENTES ENVOLVIDOS EM AÇÕES DE PROTAGONISMO JUVENIL: AS EQUIPES DE AJUDA

Sanderli Aparecida Bicudo Bomfim ¹
Luciene Regina Paulino Tognetta ²

RESUMO

A Base Nacional Comum Curricular, dentre suas principais competências, propõe algumas que se referem ao autoconhecimento, ao autocuidado, a autonomia, a empatia e a cooperação. Essas habilidades são permeadas pelos valores morais e éticos em suas percepções sobre si e sobre o outro e, conseqüentemente, da relação que se estabelece daí. Mas, construir uma autoimagem positiva, com base em valores morais e éticos, não é tarefa fácil. Porém, a escola - quer queira, quer não - está implicada nessa construção por ser, por excelência, espaço de convivência. É preciso que as investigações colaborem na compreensão sobre como se dá a adesão aos valores morais, tão desejosos por todos nós. A presente pesquisa, de caráter quanti-qualitativo, teve como objetivo comparar o modo de adesão aos valores morais do respeito, da justiça e da solidariedade entre três grupos de jovens engajados ou não em Equipes de Ajuda (EAs), um tipo de Sistema de Apoio entre Iguais (SAI), em suas escolas. A amostra de 2513 adolescentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental de escolas particulares paulistas, responderam a um questionário com perguntas fechadas, dividido em duas partes, sendo a primeira relacionada aos itens de caracterização e a segunda composta por uma adaptação do instrumento já validado em uma investigação anterior conduzida pela Fundação Carlos Chagas sobre a adesão aos valores do respeito, justiça, solidariedade e convivência democrática, através de situações hipotéticas. Os dados mostraram que os grupos formados pelos adolescentes das EAs apresentaram modo mais evoluído de adesão, que é o da perspectiva moral, aos três valores. Esta pesquisa vem reiterar o quanto é necessário e urgente garantir que as escolas organizem espaços onde esses meninos e meninas possam exercer seu protagonismo, a fim vivenciarem os valores morais em favor de uma convivência mais ética.

Palavras-chave: BULLYING, VALORES MORAIS, PROTAGONISMO, EQUIPES DE AJUDA.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de uma investigação de mestrado (BOMFIM, 2019) que abordou uma questão de relevância na atualidade: a correspondência entre o bullying e a ausência de valores morais, como justiça, solidariedade e respeito, especialmente no contexto das instituições escolares. Em tempos desafiadores, observamos uma crescente carência de valores éticos e morais, enquanto esses mesmos valores são constantemente invocados na

¹ Doutoranda em Educação Escolar no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Campus Araraquara UNESP/Brasil, sanderli.bicudo@unesp.br;

² Professora Doutora do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP - Campus Araraquara - UNESP/Brasil, luciene.tognetta@unesp.br

sociedade, pois paradoxalmente, parece que quanto mais se fala sobre ética e moral, mais imorais parecem se tornar as práticas (GOERGEN, 2007).

Na ausência desses valores morais, a convivência humana é atingida de forma efetiva e essa constatação não é diferente no ambiente escolar, pois temos visto diversas manifestações de caráter agressivo e violento e, também, manifestações de caráter perturbador atravessarem a escola (VINHA ET AL., 2017) e prejudicarem as relações, a convivência e, conseqüentemente, a formação em valores desses adolescentes.

Nossa pesquisa se centrou em três valores morais universalmente desejáveis: respeito, justiça e solidariedade, os quais não foram elencados de forma aleatória, mas por compreendermos a sua importância na formação de seres humanos éticos e na sua importância para que as relações entre eles sejam também éticas. Já se sabe que esses valores não são construídos através da transmissão e/ou doutrinação, mas sim através da interação existente entre o sujeito e o meio (entende-se por meio também as pessoas que dele fazem parte) e da qualidade das relações neste espaço vivenciadas (PIAGET, 1932/1994).

Assim, ambientes pautados em respeito mútuo e cooperação são os mais propícios para que através do exercício e da vivência desses valores, eles possam aos poucos serem integrados no sistema de valores e na identidade de cada criança ou adolescente.

Dessa forma, precisará a escola compreender para além de como se dá essa construção moral e ética no ser humano, mas também pensar em quais estratégias são verdadeiramente eficazes para promover a convivência e prevenir a violência. Uma dessas estratégias são as Equipes de Ajuda (AVILÉS MARTÍNEZ; TORRES VICENTE; VIAN BARÓN, 2008), que são um tipo de protagonismo juvenil do Sistema de Apoio entre Iguais – SAIs (AVILÉS MARTÍNEZ, 2018), como denominamos aqui no Brasil, mas que em outros países é conhecido como *Peer Support*. As Equipes de Ajuda (EAs) têm sido implantadas no Brasil desde 2015 Na verdade, esse tipo de protagonismo dos alunos e alunas se direciona à melhoria da convivência entre os alunos (NAYLOR; COWIE, 1999; COWIE, 2000; COWIE *et al.*, 2002; COWIE; HUTSON, 2005; COWIE; FERNANDEZ, 2006; AVILÉS MARTÍNEZ, TORRES VICENTE; VIAN BARÓN, 2008; AVILÉS MARTÍNEZ; ALONSO ELVIRA, 2011; AVILÉS MARTÍNEZ, 2012, 2013). Os adolescentes membros das Equipes de Ajuda são eleitos e eleitas pelos colegas de turma, para que possam colaborar observando as relações, possíveis situações de bullying, isolamento, exclusão e atuando junto aos colegas para minimizar problemas, oferecer escuta qualificada, a escuta ativa, e oferecer cuidado, apoio e preocupação.

Se, portanto, a formação moral se dá através da construção será que podemos dizer que as Equipes de Ajuda além de serem uma estratégia de cuidado e proteção à convivência pode ser considerada também como uma espaço de formação humana? Como se dá a adesão aos valores do respeito, justiça e solidariedade em nossos adolescentes?

Vamos a pesquisa.

METODOLOGIA

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado (BOMFIM, 2019) e foi autorizada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP sob número 65373417.0.0000.5400³. De caráter exploratório e descritivo e de abordagem quanti-qualitativa, a pesquisa apresentou como problema central verificar se havia diferenças no modo de adesão a valores morais entre três grupos de jovens, sendo o primeiro formado por alunos e alunas membros de Equipes de Ajuda em suas escolas, o segundo formado por alunos e alunas que não são membros de Equipes de Ajuda mas fazem parte de escolas com este grupo implantado e o terceiro formado por estudantes de escolas que não têm as Equipes de Ajuda implantadas.

Para compreender essa questão, teve como objetivos comparar o modo de adesão a valores morais – o respeito, a justiça e a solidariedade – por adolescentes que participam das Equipes de Ajuda (SAIs) e por aqueles que não participam e analisar se haveria diferenças nas respostas em relação ao gênero.

A amostra foi composta por 2.513 adolescentes, com idades entre 11 e 15 anos, dos Anos Finais do Ensino Fundamental de escolas do interior paulista brasileiro, organizados em 3 grupos diferentes;

- alunos e alunas que eram membros das Equipes de Ajuda: 131
- alunos e alunas que não eram membros das Equipes de Ajuda, mas estudavam em escolas com tal Sistema de Apoio entre Iguais (SAI) implantado: 1235
- alunos e alunas estudantes em escolas sem este tipo de SAI implantado: 1147

Utilizou-se um instrumento com perguntas fechadas, em modelo virtual na plataforma *Survey Monkey*. Ele foi composto por perguntas fechadas, dividido em duas partes, sendo a primeira relacionada à questões de caracterização (idade, gênero, frequência de *bullying* e se

³ Os pais, mães ou responsáveis assinaram antecipadamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – e os alunos e alunas assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – o TALE.

participavam ou não das Equipes de Ajuda). Já a segunda parte continha situações hipotéticas relacionadas à adesão aos valores morais do respeito, justiça e solidariedade, que fizeram parte de um instrumento validado pela Fundação Carlos Chagas (TOGNETTA; MENIN, 2017). A cada situação, os respondentes tinham cinco opções de respostas, três delas de pró-valor (adesão ao referido valor) e duas de contravalor (não adesão ao valor), conforme modelo a seguir:

Na sala da professora Teresa, há alguns alunos bastante comportados e estudiosos e outros, do “fundão”, que conversam muito e atrapalham a aula. Quando surgem dúvidas, a professora deve:

(C1)⁴ dar menos atenção aos alunos do fundão, afinal eles atrapalham a aula.

(C2) dar mais atenção aos alunos da frente que respeitam as regras e são mais estudiosos.

(P1) tratar todos da mesma forma para evitar problemas com os alunos.

(P2) dar atenção igual para todos, porque essa é a regra da escola.

(P3) tratar os alunos da mesma forma, porque todos merecem igual atenção.

Uma vez que nosso objetivo não era apenas verificar se os alunos e as alunas aderiram aos valores investigados, mas sim verificar a forma de tal adesão, as opções de respostas apresentavam diferentes níveis de perspectivas sociais na adesão, desde a perspectiva egocêntrica (P1 – pró-valor – egocêntrica), passando pela perspectiva sociocêntrica (P2 – pró-valor – sociocêntrica) até a perspectiva moral, a mais evoluída (P3 – pró-valor – moral). Da mesma forma, havia duas perspectivas sociais de não adesão ao valor, sendo a perspectiva egocêntrica (C1 – contravalor – egocêntrica) e a perspectiva sociocêntrica (C2 – contravalor – sociocêntrica).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para analisar a forma de adesão em adolescentes, nos centramos nas respostas na categoria P3 - adesão ao valor pela perspectiva social moral, em cada valor investigado,

⁴ A sigla de contravalor (C1 ou C2) ou pró-valor (P1, P2 ou P3) não estavam no instrumento, foram inseridas apenas no artigo para que os leitores possam compreender os níveis de perspectivas morais de adesão ou não adesão ao valor.

embora compreendamos que as categorias P1 e P2, também indiquem adesão ao valor, porém níveis menos evoluídos, perspectivas sociais egocêntrica e sociocêntrica, respectivamente.

A Tabela a seguir demonstra as questões agrupadas por valor investigado e aponta somente as frequências de respostas em categoria P3, nível mais elevado de adesão em cada grupo de adolescentes investigado.

Tabela 1 - Grupos pesquisados e a adesão em P3 aos valores de respeito, justiça e solidariedade

Valor	Número da questão	Alunos membros de EAs – escolas com SAI		Alunos não membros de EAs – escolas com SAI		Alunos de escolas sem EAs (SAI)		Valor – p
		N	%	N	%	N	%	
Respeito em situações com <i>bullying</i>	Q1 ⁵	65	54,17	473	42,04	367	34,56	<0,01
	Q5	31	25,83	290	25,78	160	15,07	<0,01
	Q11	83	69,17	546	48,53	493	46,42	<0,01
Respeito em situações sem <i>bullying</i>	Q4	48	40,00	365	32,44	324	30,51	<0,01
	Q8	92	76,67	683	60,71	593	55,84	<0,01
	Q12	81	67,50	543	48,27	541	50,94	<0,01
Solidariedade	Q3	54	45,00	430	38,22	410	38,61	<0,46
	Q7	98	81,67	717	63,73	661	62,24	<0,01
	Q10	92	76,67	584	51,91	541	50,94	<0,01
Justiça	Q2	55	45,83	426	37,87	429	40,40	<0,01
	Q6	80	66,67	609	54,13	568	53,48	<0,17
	Q9	57	47,50	320	28,44	260	24,48	<0,01

Fonte: Bomfim (2019).

Conforme a tabela nos indica, os adolescentes que faziam parte das EAs apresentaram maior frequência de respostas (com diferenças estatisticamente significativas – $p < 0.05$) de adesão ao valor na categoria P3, que se configura o nível mais evoluído, a perspectiva social moral, em todos os valores investigados. Em seguida, o segundo grupo com a maior frequência na adesão em P3, foi aquele formado por alunos e alunas que faziam parte das escolas que tinham as EAs em suas escolas e, por último, o grupo formado por estudantes de escolas sem EAs.

Esses dados nos fazem refletir que, conforme já apontado por outros autores (AVILÉS MARTINÉZ, TORRES VICENTE E VIAN BARÓN, 2008), as EAs podem trazer benefícios não somente para a comunidade onde ela está implantada, mas também para quem dela

⁵ Q1 refere-se à "questão1", número da questão no instrumento utilizado.

participa. Os autores investigaram estudantes e seus familiares sobre suas percepções quanto aos benefícios das Equipes de Ajuda e concluíram que 33% de mães e pais desses estudantes indicaram que a atuação nas EAs melhorou a formação de seu filho ou sua filha como pessoa, 25% apontaram que esse trabalho colaborou para que seus filhos ou filhas estivessem mais sensíveis diante dos problemas alheios e, por fim, 25% disseram que eles e elas estiveram mais reflexivos. Como os autores também investigaram os membros das EAs, foi possível estabelecer relações entre as respostas dos adolescentes e de seus familiares. Entre estudantes 84% apontaram o aperfeiçoamento nas habilidades de ajuda e de melhora na escuta ativa; 75% de seus pais e mães apontaram que houve melhora na reflexão dos adolescentes antes de agir e, 50% dos familiares disseram que houve melhora na escuta ativa de seus filhos e, por fim, 69% dos alunos e alunas e 83% dos pais, indicaram que os alunos tiveram desenvolvida de forma ainda mais eficaz sua empatia.

Também pudemos verificar com os dados encontrados que as meninas foram aquelas que apresentaram percentuais maiores de adesão, quando comparadas aos meninos. Sobre esse aspectos relacionados ao gênero, uma autora estadunidense, ainda em 1982, já apontou que além daquilo que ela denominou "voz padrão da moralidade" ao se referir a ética justiça, notadamente direcionada ao masculino, existia também uma "voz diferente" (GILLIGAN, 1982). A trazer luz a essa questão ela postula a ideia de que outra perspectiva de moral que necessita ser considerada para além da justiça, a ética do cuidado, que pode ter sido associada - inclusive erroneamente se se fizer uma leitura superficial de sua obra - à mulher. Gilligan (1982) não tinha o objetivo de polarizar as diferentes perspectivas de julgamento moral, mesmo porque compreender a ética do cuidado apenas como uma possibilidade feminina tende também a sugerir a compreensão de que apenas a mulher é responsável pelo cuidado (KUHNE, 2014). A ideia é considerar os diferentes modos de se compreender as questões morais e compreender que não é necessário escolher – justiça ou cuidado, nem tampouco negar uma delas, mas ir um além ao investir na compreensão de que elas se complementam, pois são olhares diferentes para as mesmas questões. Inclusive, incorporar ambas as abordagens desempenha um papel crucial na superação da indiferença que pode surgir na perspectiva da justiça, que muitas vezes se concentra na individualização e na separação. Isso ocorre porque, ao considerarmos também a perspectiva do cuidado, confirmamos a importância da empatia e da conexão com o outro. Conforme destacado de maneira perspicaz por Pauer-Studer (1996, p. 27, apud KUHNE, 2014, p. 6), é fundamental compreender que o desrespeito moral “pode ocorrer não somente por meio de opressão e injustiça, mas também

por meio do abandono, da perda do vínculo emocional ou da não-reação à reivindicação do outro.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa investigação teve por objetivos comparar o modo de adesão a valores morais por adolescentes que participam das Equipes de Ajuda e por aqueles e aquelas que não participam e analisar se haveria diferenças nas respostas em relação ao gênero.

Dentre os três grupos investigados, o que apresentou uma frequência maior em adesão no nível mais evoluído foi aquele formado por alunos e alunas membros das Equipes de Ajuda, seguido do grupo composto por estudantes que fazem parte da escola onde as EAs estão implantadas mas que não fazem parte do grupo e por fim, o grupo com menor adesão em categoria evoluída foi aquele que pertence a escolas que não tem esse tipo de Sistema de Apoio entre Iguais. Os dados mostraram também que as meninas, se comparadas aos meninos, também demonstraram frequência maior de adesão a todos os valores investigados.

Certamente, muitas outras investigações se fazem necessárias para que a compreensão acerca da adesão aos valores morais, tão desejados à convivência, possa se expandir. Cremos que essa compreensão faz parte do caminho para se pensar, construir e colocar em prática estratégias que transformem o ambiente escolar não apenas num espaço de convivência, mas de uma convivência ética. E que lembremos também em investir no protagonismo juvenil, como por exemplo, no trabalho das Equipes de Ajuda, uma vez que atuações desse tipo colaboram para que estejam presentes nas relações entre os adolescentes a preocupação e o cuidado com o outro.

REFERÊNCIAS

AVILÉS MARTINEZ, J. M.; Prevención del Maltrato entre Iguales Através de la Educación Moral. **Revista de Investigación en Psicología**, v. 15, n. 1, 2012.

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. **Bullying**: guia para educadores. Tradução: J. Guillermo Milán-Ramos. Revisão Técnica: Luciene Regina paulino Tognetta. Campinas, Sp: Mercado de letras, 2013. (Coleção: Psicologia e Educação em debate).

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M. (COORD) **Os Sistemas de Apoio entre Iguais na escola**: das equipes de ajuda à cybermentoria. Tradução Vinicius Pessoa. 1 ed. Americana: Adonis, 2018

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M.; ALONSO ELVIRA, M. N. Análisis de componentes identificativos de la violencia en el contexto excolar. Violencia, conflicto y maltrato. Itinerario

de fronteira. *In*: LEAL, I.; PAIS, J. L.; SILVA, I.; MARQUES, S. (Eds.), **7º Congresso Nacional de psicologia da saúde**, (p. 119-129). Porto: ISPA Ediciones. 2008.

AVILÉS MARTÍNEZ, J. M.; TORRES VICENTE, N.; VIAN BARÓN, M. Equipos de Ayuda, Maltrato entre Iguales y Convivencia Escolar. **Revista Electrónica de Investigación Psicoeducativa**. n. 16, v. 6, p. 863-886, 2008.

BOMFIM, S. A. B. **Respeito, justiça e solidariedade no coração de quem ajuda**: valores morais e protagonismo entre alunos para combater o bullying. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara/SP: 2019.

COWIE, H. Bystanding or standing by: Gender issues in coping with bullying in English schools. **Aggressive Behavior**, n. 26, p. 85-97, 2000.

COWIE, H. *et al.* Use of and attitudes towards peer support. **Journal of Adolescence**, v. 25, n. 5, p. 453-67, 2002.

COWIE, H.; FERNÁNDEZ, F. J. Ayuda entre iguales en las escuelas: desarrollo y retos. **Revista Electrónica de Investigación Psicoeducativa**, v. 4, n. 2, p. 291-310, 2006.

COWIE, H.; HUTSON, N. Peer support: a strategy to help bystanders challenge school bullying. *In*: **Pastoral care**, 2005.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1982.

GOERGEN, P. Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 737-762, out. 2007.

KUHNEN, T. A. A ética do cuidado como teoria feminista. **Anais [...]** do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014 - GT10 - Teorias Feministas – Coord. Márcio Ferreira de Souza e Silvana Mariano. ISSN 2177-8248.

PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1932-1994.

TOGNETTA, L. R. P.; MENIN, M. S. S. (org). **Reflexões para a Educação**. 1 ed. Americana/SP: Adonis, 2017. (Coleção: Valores Sociomoraís).

VINHA, T.; NUNES, C. A. A.; SILVA, L. M. F.; VIVALDI, F. M. C.; MORO, A. Da escola para a vida em sociedade: o valor da convivência democrática. *In*: TOGNETTA, L. R. P.; MENIN, M. S. S. (org). **Coleção Valores sociomoraís**: reflexões para a educação. Americana/SP: Adonis, 2017